

APOCALYPSE NOW REDUX / 1979-2001

(Apocalypse Now Redux)

um filme de Francis Ford Coppola

Realização: Francis Ford Coppola / **Argumento:** John Milius e Francis Ford Coppola, inspirado no romance *Heart of Darkness* de Joseph Conrad / **Direcção de Fotografia:** Vittorio Storaro / **Direcção Artística:** Dean Tavoularis / **Cenários:** Ângelo Graham e George R. Nelson / **Música:** Carmine Coppola, Francis Ford Coppola e Mickey Hart (original); Wagner, The Doors / **Som:** Walter Murch / **Montagem:** Lisa Fruchtmann, Gerald B. Greenberg, Richard Marks e Walter Murch / **Interpretação:** Martin Sheen (Willard), Marlon Brando (Kurtz), Robert Duvall (Kilgore), Frederic Forrest (Chef), Albert Hall (Chief Phillips), Sam Bottoms (Lance), Laurence Fishburne (Mr. Clean), Dennis Hopper (fotógrafo), G.D. Spradlin (Corman), Harrison Ford (Lucas), Cynthia Wood ("playmate of the year"), Colleen Camp (Miss Maio), Linda Carpenter (Miss Agosto), Christian Marquand (Hubert de Marais), Aurore Clément (Roxanne Sarraut), etc.

Produção: Zoetrope Studios / **Produtor da versão 1979:** Francis Ford Coppola / **Produtora da versão "Redux":** Kim Aubry / **Co-Produtores:** Gray Frederickson, Fred Roos e Tom Sternberg / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, colorida, falada em inglês com legendas em português, 197 minutos / **Estreia em Portugal:** Apolo 70, Monumental e Roma a 21 de Março de 1980 (primeira versão); Mundial e King, a 5 de Julho de 2002 (versão "Redux").

Passemos por cima da discussão sobre se a versão **Redux** de **Apocalypse Now** é "melhor" ou "pior" do que a que conhecíamos até há pouco tempo. **Apocalypse Now** é **Apocalypse Now**, ponto. E, de certa maneira, **Apocalypse Now** nunca foi tão **Apocalypse Now** como agora. As novas cenas não são "enxertos", nem a sua inclusão configura uma daquelas simples operações de cosmética para vender DVD's como são boa parte dos "director's cuts". De agora em diante, **Apocalypse Now** é este filme – maior, mais denso, mais absurdo, mais triste, mais negro.

Passemos também por cima da "pequena história" da rodagem do filme, com os seus múltiplos episódios rocambolescos (do despedimento de Harvey Keitel ao ataque cardíaco de Martin Sheen), aliás sobejamente documentados no "making of" **Hearts of Darkness** de Fax Bahr, George Hickenlooper e Eleanor Coppola.

E em vez disso tentemos discutir algumas questões, mais directamente relacionadas com o "osso" de **Apocalypse Now**, e em boa parte suscitadas (ou recolocadas) por esta versão. Continuando a ser um grande filme abstracto, onde a guerra do Vietname é mais um meio do que um fim, é forçoso notar que uma das sequências "novas" (a dos colonos franceses e

da plantação de borracha) vem trazer a esta questão algumas nuances, recentrando a questão histórica e política. Até por isso, de todas as coisas inéditas que Coppola introduziu na versão **Redux**, é aquela que a uma primeira vista é capaz de levantar mais reservas. Pela simples razão de, no momento em que surge, já estarmos completamente embrenhados pelo rio da loucura e do inferno acima – já nada é “real”, a progressão demencial do filme aproxima-se do seu apogeu. O encontro com aquele pedaço de civilização e “normalidade”, aparentemente intacto, podia assim soar a um “atraso” nessa progressão, a uma pausa que viesse atenuar, inclusive, a dimensão abstracta do filme. Mas, vistas bem as coisas, podemos perguntar-nos se haverá alguma coisa mais “irreal” e mais fantasmagórica do que aquele museu de cera do colonialismo francês, com aquela família de personagens-espectros que Coppola trata, enquanto conjunto, como mortífera metáfora da dissolução de todos os colonialismos (genial, o plano em que Christian Marquand fala de “manter a família junta” quando já toda a gente se levantou, amuada, da mesa). E, do ponto de vista estritamente político, essa sequência é fundamental – “vocês, americanos, estão a lutar pelo maior ‘nada’ da história” – ao afirmar explicitamente (e *racionalmente*) o vazio e a falta de sentido de tudo aquilo. Se sempre houve uma óbvia dimensão nihilista em **Apocalypse Now**, a sequência da plantação reforça-a, e de maneira teoricamente sustentada.

De resto, esse lado absurdo tem, noutra das novidades (o roubo da prancha de Kilgore), um pequeno e anedótico apogeu – o “clou” ideal para toda a lendária sequência do ataque ao som das “Valquírias” de Wagner, a mais tonitruante caricatura da “América na guerra” que algum filme já foi capaz de fazer (e antes já houvera a cena em que se foca a indústria dos “parasitas da guerra”, com o momento em que o próprio Coppola aparece como realizador de uma equipa de televisão). Nada há de mais “pointless” do que um ataque que se destina meramente a “libertar” uma praia com boas ondas para o “surf”, a não ser que tudo o que preocupe o oficial responsável pelo ataque seja a perda da sua prancha de “surf” – é uma anedota grotesca, e num certo sentido resume-se aí boa parte do que **Apocalypse Now** tem a dizer em termos políticos concretos.

Também não se pode deixar de referir a sequência do reencontro com as “playmates”, contraponto perfeito para a que já conhecíamos (a daquele inenarrável “playboy show” numa espécie de Hollywood Bowl à escala da selva vietnamita). É a cena mais triste do filme – da profunda tristeza das pobres “playmates” aos olhos profundamente tristes de Sam Bottoms (que nesta sequência se começa, definitivamente, a “passar”) – e apetece dizer que o único equivalente que tem encontra-se nos filmes de Béla Tarr, naqueles em que (como aqui) há muita lama e muita chuva, e personagens tão tristes como estas, numa paisagem tão desértica e desolada como esta.

O resto – da formidável abertura com as explosões do napalm a entrarem ao mesmo tempo que o “this is the end” da voz de Jim Morrison ao infernal epílogo onde o sacrifício de um boi se substitui às imagens do sacrifício do coronel Kurtz – é **Apocalypse Now**. Como sempre o conhecemos: candidato a “magnum opus” não só de Francis Ford Coppola como de todo o cinema americano da época “pós-clássica”.

Luís Miguel Oliveira